

Narrativas de trajetórias particulares¹

Helen Emy Nochi Suzuki²
Maria Cristina Palma Mungiolli³
Universidade de São Paulo, São Paulo-SP

Resumo

O artigo apresenta narrativas da trajetória particular de imigrantes brasileiros que moram no Japão, partindo de suas lembranças e memórias. Os depoimentos foram coletados durante a pesquisa de campo realizada no Japão entre setembro e dezembro de 2013. Adotou-se a observação participante durante a assistência de telenovelas brasileiras com objetivo de coletar as histórias de vida desses imigrantes que moram no Japão e analisar aspectos do papel social das narrativas orais na vida dos sujeitos da pesquisa. A partir dos relatos narrados foi possível perceber o papel central da família na (re)construção de suas próprias histórias. Verificou-se a existência de certo distanciamento em relação aos fatos narrados/relembrados, o que lhes permitia (re)olharem essas situações vivenciadas no passado com novas percepções que foram sendo construídas durante o percurso da narração.

Palavras chave: História oral; Narrativas; Memória; Imigrantes brasileiros no Japão.

Introdução

Em setembro de 2013, com a proposta de coletar dados para minha dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação, realizei a pesquisa de campo no Japão durante três meses⁴. Nessa época a proposta era outra - no campo dos estudos de recepção - com intuito de investigar a produção de sentidos de identidade brasileira a partir dos discursos

¹ Trabalho apresentado no GT8: Memórias de Migrações e Deslocamentos do Simpósio Internacional *Comunicação e Cultura: Aproximações com Memória e História Oral*, realizado na Universidade São Caetano do Sul, São Caetano do Sul – São Paulo, de 27 a 30 de abril de 2015.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP. Pesquisadora do Centro de Estudos de Telenovela – CETVN – ECA/USP e do OBITEL – Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva. E-mail: helenochis@usp.br.

³ Doutora no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, São Paulo-SP. Professora da Escola de Comunicações e Artes da USP. Pesquisadora do Centro de Estudos de Telenovela – CETVN – ECA/USP e vice-coordenadora nacional do OBITEL – Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva. E-mail: crismungiolli@usp.br.

⁴ A pesquisa recebeu apoio do Programa Santander de Bolsa de Mobilidade Internacional e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

produzidos pelos brasileiros residentes no Japão⁵. A técnica utilizada foi a observação participante por meio da qual acompanhei famílias durante uma semana na assistência das telenovelas brasileiras transmitidas no Japão pelo canal por assinatura da IPCTV, afiliada da Globo no Japão. Um dos/procedimentos metodológicos previa a realização de entrevistas em profundidade com o objetivo de conhecer a história de vida dos sujeitos a fim de contextualizar e interpretar suas produções de sentido sobre os temas da telenovela analisada. Cabe salientar, no entanto, que apenas uma parte do material coletado foi exaustivamente analisada na dissertação. O presente artigo trabalha com parte do material coletado que não foi analisado em profundidade na dissertação objetivando observar aspectos do papel social das narrativas orais na vida dos sujeitos da pesquisa. Portanto, o lugar de onde partimos para essa abordagem ancora-se na proposta inicial de acompanhar os sujeitos da pesquisa no ato cotidiano de assistir à telenovela brasileira⁶ no Japão. Essa proximidade criada com a frequência dos encontros permitiu que os laços entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa fossem construídos a partir da instância da cotidianidade na qual a modalidade da comunicação oral ancora a história de vida. Dessa forma, o presente artigo possui como *corpus* a história de vida contada pelos próprios sujeitos que viveram essas histórias particulares. Certamente, apesar de se tratar de aspectos específicos da vida de cada um dos sujeitos, o *corpus* aqui analisado descortina elementos sobre a constituição desses sujeitos enquanto pessoas que se constroem e se reconstroem por meio da linguagem oral que tanto dá sentido às experiências de vida quanto à construção da memória (BRUNER; WEISSER 1995). A pesquisa baseou-se nos estudos de linguagem de Bakhtin (2003, 2010), nas análises de Bruner e Weisser (1995) e nos Estudos Culturais (Hall, 2006, 2009 e Bhabha, 1998).

1. Aspectos da Imigração de Brasileiros ao Japão

⁵ Dissertação de mestrado intitulada *A telenovela e a produção de sentidos de identidade brasileira no discurso de imigrantes brasileiros no Japão*. (Suzuki, 2014).

⁶ Na época da pesquisa de campo a telenovela que era exibida pela IPCTV era *Amor à Vida*. Telenovela que foi ao ar pela Rede Globo de Televisão de 20 de maio de 2013 até 31 de janeiro de 2014, escrita por Walcyr Carrasco e dirigida por Wolf Maya e Mauro Mendonça Filho.

Em meados dos anos 1980, o Brasil vivia o processo de redemocratização com o fim da ditadura militar e no plano econômico passava por uma grande crise marcada por recessão econômica, inflação e desemprego. No cenário internacional, com o fim do comunismo e a abertura de novos mercados, alguns países como o Japão, cuja tecnologia avançada competia no mercado internacional, necessitavam urgentemente de mão de obra para suprir as necessidades da indústria. Esse conjunto de fatores culminou com a criação, no Japão, de uma legislação regulamentando a contratação de trabalhadores estrangeiros, o que levou ao aumento da população de brasileiros no Japão. No final da década de 1980, o movimento migratório de brasileiros para o Japão, então designado como movimento *dekassegui*⁷, intensifica as relações já existentes entre Brasil e Japão. Em 2008, com a grande crise econômica registrada no Japão e no mundo, que levou à diminuição drástica do número de brasileiros naquele país, mesmo assim, de acordo com as estimativas referentes a 2013 sobre a distribuição de brasileiros no mundo, o Japão se situa em terceiro lugar. Em primeiro estão os Estados Unidos (1.066.842), seguidos pelo Paraguai (459.760), **Japão (186.051)**, e Portugal (162.190)⁸.

Muitos imigrantes brasileiros que estão no Japão são descendentes ou estão ligados a essa ascendência japonesa no Brasil por parentesco ou casamento. Isso porque a legislação para contratação de trabalhadores no Japão, promulgada em junho de 1990⁹, buscava recrutar descendentes japoneses para trabalhar em fábricas e principalmente nas médias e pequenas empresas do setor eletrônico em expansão. Conforme explica Kawamura (2003), essa resolução foi uma tentativa de amenizar as dificuldades e diferenças culturais. Embora a integração dos descendentes *nikkeys* parecesse menos problemática aos japoneses, ela também foi marcada por um longo processo de estratégias

⁷ O termo “dekassegui” refere-se ao descendente de japonês, portanto, trabalhador brasileiro que se dirige ao Japão com intuito de trabalhar buscando maiores recompensas financeiras que aquelas encontradas no Brasil. Trata-se, portanto de um projeto de permanência temporária no Japão. O termo foi muito utilizado desde o início do fenômeno das migrações de brasileiros ao Japão, mas tornou-se datado. Com a permanência de brasileiros como residentes fixos no Japão, passou-se a utilizar a denominação “imigrante”.

⁸ Fonte: Ministério das Relações Exteriores do Brasil, 2013.

⁹ Em junho de 1990 foi promulgada a Lei de Controle de Imigração do Japão que concede visto de residência de longo prazo para os descendentes de japoneses (*nikkeis*) sul-americanos até a terceira geração (*sanseis*). Fonte: Centro de Informação e Apoio do Trabalhador no Exterior – CIATE. Disponível em: www.ciate.org.br/informacao-geral-sobre-japao/a-comunidade-brasileira-no-japao/.

de sobrevivência em terras japonesas por parte desses imigrantes. Processo migratório marcado por fases que vão desde a primeira ideia de permanência temporária até o enraizamento e a aceitação da sua própria condição como imigrante, implicando nessa trajetória muitas adequações de experiência pessoal e coletiva e seus desdobramentos em consequentes negociações de sentido de identidade pessoal e coletiva. Conforme Bhabha (1998, p. 21), essa situação acarreta na formação de uma arena de negociações em que “os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos”. Então, para esses imigrantes brasileiros no Japão, a dificuldade da língua, a saudade das práticas da vivência brasileira, sua cultura, comidas e jeitos de ver o mundo, desde as pequenas coisas até as grandes diferenças culturais tiveram que ser acomodadas numa situação emergencial para que se tornasse possível a convivência nessa terra estrangeira.

2. Identidades em Trânsito

Pensar a identidade e o lugar em que se está é uma forma de articular algumas significações. O lugar ao qual pertencemos diz muitas coisas sobre nossa identidade. Estar em algum lugar, possuir uma infinidade de referências, que já preexistem a nós, ajuda a construir e a solidificar dentro de nós, um lugar no espaço geográfico e, mais importante ainda, um lugar no mundo do pertencimento a uma cultura. “A identificação é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem” (BHABHA, 1998, p. 77). Quando não pertencemos a um lugar, por quaisquer que sejam as razões, uma parte da identidade também fica em suspenso, pois a identidade é uma forma de ser, é uma forma de afirmação do que se é, e de negação do que não se é. Bakhtin (2003) discute essa relação da alteridade quando fala que o autor deve se colocar no lugar do outro para entender a completude da situação e olhar para si com os olhos do outro “com valores que a partir da própria vida são transgredientes a ela e lhe dão acabamento; ele deve tornar-se *outro* em relação a si mesmo”. (BAKHTIN, 2003, 13). Então, a identidade cultural, assim construída, é corroborada pelo lugar ao qual



pertencemos e, esse lugar é o primeiro ponto de apoio para a construção do sentido do mundo que nos rodeia. Hall argumenta que:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. (HALL, 2006, p. 28).

Mas, nas situações em que esse lugar de permanência não corresponde ao lugar de pertencimento, temos uma ruptura com as certezas que pareciam inicialmente solidificadas, então, a identidade não é mais a mesma. “Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas.” (HALL, 2009, p. 26). Dentro dessa realidade, e do estranhamento em relação à língua, aos costumes, e às tradições tão diferentes entre Brasil e Japão, há uma necessidade constante de identificação e diferenciação, ao mesmo tempo em que surge a busca de adaptação e construção de uma identidade que possa “atender”, mesmo que momentaneamente, esses brasileiros. Então uma “dupla identidade” surge como uma proposta de adequação para a situação em questão. Os brasileiros em situação de estrangeiros no exterior “negociam e constroem” sua identidade num jogo de “ganha e perde”, adaptando-se à cultura local. A grande questão é que, não interessa o motivo desses deslocamentos, cada vez mais facilitados pela globalização, o vínculo entre a cultura e a geografia é mapeado de outra forma, nem melhor, nem pior, mas diferente.

3. Memórias e Narrativas Biográficas

Segundo os estudos de Bruner e Weisser (1995) é através do gênero textual que certas propriedades de forma e conteúdo são utilizadas de modo a construir sentidos e significados. Os gêneros textuais funcionam não somente como modos de escrever ou falar, mas também como forma de ler e ouvir, como mapas de leitura de mundo e de suas relações. Para os autores, “as ‘vidas’ são textos: textos sujeitos a revisão, exegese, reinterpretação e assim por diante. Ou seja, as vidas *narradas* são vistas pelos que as narram como textos passíveis de interpretação alternativa.” (BRUNER; WEISSER, 1995, p. 142). Especificamente abordando a questão da identidade e da constituição do eu, os autores discutem a relação da autobiografia como uma forma de “estratégia retórica” que



significa a primeira experiência entre um texto e a sua interpretação. “Não há maneira pela qual se possa, assim dizer, cair em uma ‘forma autobiográfica não interpretativa original’. A autobiografia *força* uma interpretação. E a interpretação exige uma administração.” (BRUNER; WEISSER, 1995, p. 145). Para os autores, o ato do relato autobiográfico situa os sujeitos culturalmente ao mesmo tempo em que os individualiza e, a autobiografia é assim, uma representação da memória de si, do “eu” contando sobre “mim” para os “outros”. Então, esse passado humano pode ser transmitido pela memória, pelos genes ou pela cultura, “com seu *corpus* de conhecimento simbólico e procedimentos adotados depois que se consegue dominar o sistema semiótico”. (BRUNER; WEISSER, 1995, p. 146). Então, os autores entendem o sentido da narração como um construtor de conhecimento que, ao narrar as histórias e dar voz eminente ao sujeito próprio que vivenciou aquela situação, o contador organiza a sua experiência de vida e utiliza a narração para construir a realidade como um instrumento da mente em prol da criação do sentido. Para Bruner e Weisser (1995, p. 147), “o processo de organização de uma autobiografia é um hábil ato de se transferir uma amostragem de memórias episódicas para uma densa matriz de memória semântica organizada e culturalmente esquematizada”. Já Bakhtin (2003) analisa o narrar biográfico como uma forma de se aceder à conscientização por meio da enunciação, em um processo que implica constantemente o “eu” e o “outro”. Para Bakhtin (2003), o relato, ou mais precisamente, o discurso autobiográfico implica, em termos de enunciação, a construção de enunciados marcados por palavras dos outros que ao mesmo tempo passam a ser minhas quando as enuncio ao relatar minha vida.

Tomo conhecimento de uma parte considerável da minha biografia através das palavras alheias das pessoas íntimas e em sua tonalidade emocional: meu nascimento, minha origem, os acontecimentos da vida familiar e nacional na minha tenra infância (tudo o que não podia ser compreendido ou simplesmente percebido por uma criança). [...] Sem essas narrações dos outros, minha vida não seria só desprovida de plenitude de conteúdo e de clareza como ainda ficaria interiormente dispersa, sem *unidade biográfica* axiológica. (BAKHTIN, 2003, p. 1401 - 142).

Trata-se de uma narrativa na qual estão implicados valores e subjetividades passíveis de análise em termos de compreensão da construção da memória e da identidade. Nesse sentido, o relato dos entrevistados possibilita-lhes aceder a algo que se busca entender no presente, que a lembrança e o testemunho do passado ajudam a esclarecer. Segundo Halbwachs (2003), o presente se completa com a memória e o testemunho do passado, e as lacunas são reconstituídas a partir de um conjunto de lembranças que torne visível o essencial.

Ampliando a questão do relato-autobiográfico para pensar sua influência na constituição do ser, Bruner e Weisser (1995) veem o processo de construção constante das narrativas biográficas como parte integrante do complexo processo de formação social da mente:

A mente é formada, numa incrível proporção, pelo ato da invenção do ser, pois por meio de prolongados e repetitivos atos de auto-invenção definimos o mundo, o alcance de nossa atuação nele e a natureza da epistemologia que governa o modo como o ser conhecerá o mundo e, na verdade, a si mesmo. A auto-invenção, devido à sua própria natureza, cria disjunções entre um ser que conta no momento do discurso e os seres esquematizados na memória. (BRUNER; WAISSER, 1995, p. 158).

É claro que a memória e a narrativa biográfica entendidas a partir do quadro complexo acima delineado podem ser observadas, no presente trabalho, apenas por meio de alguns elementos já que se trata de um *corpus* cujos recortes procuram atender aos objetivos da pesquisa. Apesar disso, gostaríamos de ressaltar que, embora sejam recortes de relatos particulares, é possível considerá-los como um fato social ou coletivo, pelo menos em termos de formação do imaginário dessas pessoas que comungam da mesma situação descrita nas entrevistas.

Bosi (1993) explica que o ambiente familiar frequentemente é a estrutura de apoio para as lembranças que são também construídas a partir do olhar do que a pessoa quer ou não lembrar. “O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos de escolha e rejeição em relação ao que será lembrado.” (BOSI, 1993, p. 281). Ainda segundo Bosi (1993), a memória individual é como algo que a pessoa vai lembrando dentro da imensidão do seu contexto social, vai



construindo uma memória representativa de um grupo ou de um tempo, e suas escolhas de recuperação, dessa memória, retratam mapas de significação da experiência do seu viver, ou “a evolução da *pessoa* no tempo” (BOSI, 1993, p. 283).

Bakhtin (2003) discute o processo em que personagem e narrador trocam de posição, então, ao falar sobre o que aconteceu no passado, o olhar do narrador que comunga com o contexto de seus personagens, também se torna um olhar compartilhado. Dessa forma, ao selecionar o que se está contando também ocorre uma redistribuição por assuntos ou temas, o que já demonstra certas preferências do narrador em relação ao que contar e ao que não contar. Para Bakhtin-Volochínov (2010) o tema da enunciação é um elemento único, individual, não reiterável e concreto “tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence” (p. 134), e somente assim, pode-se apresentar como base para a enunciação, pois o tema apresenta a expressão de uma situação histórica concreta que origina o enunciado. Então, o tema é responsável pela compreensão do significado.

4. Narrativas Particulares: construções e desconstruções das relações familiares

D. Telma tem 72 anos, é descendente de japoneses nascida no Brasil e estudou a língua japonesa quando criança, mas não possui fluência. Ela mora com a filha casada, Mariana, o genro e as duas netas, em Hamamatsu, no Japão. D. Telma narra parte da sua trajetória particular de Japão a partir da história do próprio pai. Ele nasceu no Japão, mas aos 14 anos emigrou para o Brasil junto com outra família, deixando duas irmãs no Japão. D. Telma relata que, apesar de seu pai ser o único filho homem, em uma época em que a primogenitura era muito importante, ele migrou para o Brasil quase fugido em razão do envolvimento de seu avô com a *Yakuza* (máfia japonesa). Seu pai teve um começo duro no Brasil e, como tantos outros imigrantes, trabalhou na lavoura. Outro fato doloroso na história de vida dele foi o fato de que sua mãe veio doente visitá-lo no Brasil e não resistiu à viagem de volta ao Japão, falecendo no navio.

- Essa história ele (pai de D. Telma) contava... O pai dele era da Yakuza (máfia Japonesa) e a mãe, minha avó, sofria muito por causa disso. Inclusive esse meu avô morreu assassinado. Ele morreu e os outros do grupo começaram a ameaçar que iam matar o meu pai, isso era ele



quem nos contava depois. A mãe, minha avó, já estava doente, eu nem a conheci, e ela pediu para essa família amiga, que levasse o filho junto com eles, ao Brasil. Porque ela tinha medo. E, por isso que ele foi, meio que fugido!!

D. Telma nasceu no Brasil e se casou tarde porque seu pai dizia que, enquanto a filha mais velha não se casasse as outras também não se casariam. Na família, eram cinco irmãos, a mais velha tinha uma deficiência auditiva e não falava direito, vindo a falecer de câncer aos 53 anos.

- Depois, muito depois, ela já tinha uns 12 ou 13 anos, na época os aparelhos auditivos eram uma espécie de óculos com fios, e meu pai achava muito “Kawaisou” (coitada, judiação) porque ela era jovem e ficaria com um fio pendurado. Aí, mandou vir da Alemanha um aparelho da cor da pele que ficava dentro do ouvido, então, ela começou a se desenvolver na escola. Mas ela sofreu muito porque a gente entendia o que ela dizia, mas os outros não entendiam nada, porque não conviviam com o jeito dela de falar. Então, eu entrei na mesma escola com seis anos para fazer companhia a ela. Porque ele (pai) tinha medo pela filha. Mas ela repetia de ano, coitada!! Mesmo assim, ela chegou a fazer o primário. Ela nunca namorou, acabou casando de miiai¹⁰.

O primeiro namorado de D. Telma foi um japonês que viera ao Brasil para fazer um estágio. D. Telma tinha 18 anos e ainda não pensava em casamento. Só mais tarde, quando conheceu o rapaz que viria a ser seu esposo, quis casar. Mas descobriu que seu pai não permitiria, pois sua irmã mais velha ainda não se casara.

- Eu casei com 29 anos, ele teve que esperar minha irmã mais velha se casar. Mas, depois de mim, logo as minhas irmãs casaram uma atrás da outra. A mais nova se casou com um japonês, e hoje mora em Tokyo. Eu casei com um brasileiro (não descendente). Nossa! Ele (pai) foi contra!! Nossa! Brigamos, ele me deserdou, disse que eu não era mais sua filha e, nem foi ao meu casamento, nem nada. Eu sofri bastante porque no dia do casamento, tão importante, a gente quer os pais lá, né!? Só depois que fiquei grávida e ganhei minha filha, que era a primeira neta, e ele adorava criança, ele queria conhecer, mas era orgulhoso também, não

¹⁰ *Miai* é o termo utilizado para denominar o casamento arranjado, uma prática muito utilizada no Japão. “Os casamentos em todos os estratos sociais continuavam a não ser frutos de escolha pessoal, mas intermediada por alguém que, primeiro, sugeria os nomes dos noivos aos pais e, depois, formalizava a apresentação dos pretendentes.” (SAKURAI, 2008, p. 308).



queria dar o braço a torcer!! Aí, um dia o meu irmão trouxe um presente dele, um carrinho, tipo berço, muito caro, então, eu pensei, vou deixar o orgulho de lado e levar ela para o avô conhecer e, depois disso a gente se entendeu.

D. Telma conta emocionada sobre esse tempo de luta e aceitação. Na época, muitas famílias japonesas no Brasil não aceitavam que seus filhos se casassem com pessoas não descendentes de japoneses. Diante da lembrança dessas adversidades de sua própria trajetória, D. Telma cita uma lembrança sobre seu pai, que diz respeito à relação do avô com a neta.

- A minha filha mais velha era xodó, até outro dia, ela estava escrevendo no facebook uma brincadeira com números, por exemplo, se a pessoa dava o número dezessete, ela tinha que contar dezessete vezes algo sobre ela. A primeira coisa que ela escreveu foi que quando ela tinha sete anos ela perdeu a pessoa que mais amava, que era o avô!!

Essa história é contada com muita emoção, nesse momento da entrevista, D. Telma chega a chorar, um choro silencioso e sufocado¹¹. Isso demonstra que ao narrar essas experiências, as lembranças fazem com que a pessoa reviva certas emoções que ficaram guardadas nas memórias. Então, a recuperação dessa lembrança pessoal, funciona como um ativador que faz com que a memória ative no presente a lembrança de pertencimento e de uma identidade - a de pertencer a uma família, com tudo que ela carrega em si de contradições, lutas e dificuldades.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repetidas revitalizações. (NORA, 1993, p. 9).

Nesse sentido, cabe destacar a questão do tema abordado nesse trecho do relato de D. Telma. Sua relação com o pai e o próprio reconhecimento em termos de raízes identitárias. Bruner e Weisser (1995) destacam que nos relatos de vida, os temas são discerníveis por meio "da justaposição de mundos possíveis idealizados, embora contrastantes, em termos do qual se pode orientar um relato sobre si mesmo". (BRUNER;

¹¹ Nesse momento, tive que esperar alguns minutos até que D. Telma, silenciosamente se recompusesse e, assim, continuássemos a entrevista.

WISSER, 1995, p. 155). Pode-se dizer que, para D. Telma, os temas casamento e família passam necessariamente pela necessidade de aprovação do pai. Aprovação que se dará pelo nascimento da filha mais velha, revelando a superação de um "impedimento" cultural e étnico (já que ela não havia se casado com um descendente de japoneses) pela condição sanguínea de descendência. Mais do que as palavras mencionadas, podemos perceber a importância dos relacionamentos familiares na vida e na trajetória da entrevistada. Os vínculos que se constroem, destroem e se reconfiguram conforme as injunções da vida social e familiar. Consideramos com González (1991) que a família ao ser estudada não pode ser analisada como uma estrutura em separado, já que os indivíduos que a compõem não são elementos isolados, mas fazem parte de uma engrenagem que definem espaços de ideologia, poder e sociedade, ou seja, o *status* que a pessoa ocupa dentro da família e que reverbera no seu espaço social, ocupa um lugar determinado.

Outro tema presente no relato de D. Telma refere-se ao retorno ao Brasil, pois como tantos outros imigrantes, o projeto inicial de D. Telma no Japão era passar um ou dois anos trabalhando no Japão juntando dinheiro para voltar ao Brasil em melhores condições financeiras. D. Telma foi para o Japão em 1991 pela primeira vez, há 22 anos, acompanhada dos filhos e já separada do esposo.

- Separei e depois de 4 anos vim para cá (Japão). Ele não queria dar o divórcio. Depois de 2 anos, eu voltei ao Brasil muitas vezes, mas ele não queria assinar. Eu tinha 50 anos quando vim para cá, então eu queria viver a vida. Aí, meu filho e as meninas falaram que se ele não desse o divórcio eles ficariam bravos, que esquecesse que eram filhos dele. Aí, eu fui para o Brasil com meu filho, mesmo assim, um pouco antes de entrar na audiência, ele falou que não ia assinar. Meu filho ficou bravo, falou que ele não podia fazer isso comigo, os advogados também falaram com ele. Bom, ele ficou calado na frente do juiz, mas assinou!! Nossa, parece que eu tinha tirado um peso das costas.

D. Telma teve cinco filhos: quatro filhas e um filho. Apesar de tudo, ela acha que foi mais fácil criar os filhos no Japão do que no Brasil. Ao longo dos vinte e dois anos em que mora no Japão retornou apenas três vezes ao Brasil. Apesar do pequeno recorte aqui realizado, podem-se observar, no relato de D. Telma, que as relações familiares e afetivas



construídas por meio dos temas por ela abordados e pela própria enunciação discursiva que contextualiza, articula e produz sentidos sobre pessoas e fatos que marcaram sua infância, juventude e vida adulta. Evidencia-se por meio de sua enunciação os sentidos de identidade familiar, de filha, mãe e esposa. Enfim, é por meio da construção discursiva de sua história de vida que a entrevistada se situa "no mundo simbólico da cultura". (BRUNER; WEISSER, 1995, p. 145)

5. Narrativas Particulares: sexualidade, escolhas e descobertas

Xande nasceu no Brasil, em São Paulo, no ano de 1971 e, no momento da entrevista estava com 42 anos. Estudou até o Ensino Médio no Brasil e, em 1990, com 18 anos, foi para o Japão pela primeira vez. Ele é descendente de japoneses e trabalha como cuidador de idosos ou de pessoas com necessidades especiais. Está se aperfeiçoando para conseguir subir na carreira e, por isso, participa de vários cursos, inclusive fez um curso de treinamento com foco em psicologia que acabou de concluir. Entre os temas que mais abordou em nossas conversas estão sua própria sexualidade, suas escolhas e descobertas.

- Eu lia muito também. Eu percebi (minha homossexualidade) bem cedo, com sete anos. Aí com 14, eu já sabia: É isso que eu vou ser, é isso que eu quero.

- Antes de você perceber que você é diferente, você precisa primeiro trabalhar o seu lado interior. Não adianta eu falar, se por dentro eu não estou resolvido. Eu trabalhei bem o lado interior. Eu era criança, mas eu lia muita revista de adulto. Desde pequeno, eu já tinha, assim, interesse pela leitura. Só que a criança não vê diferença entre revista de adulto ou de criança, qualquer coisa que eu pegava, eu lia. E, uma revista que me ajudou muito nessa questão foi a revista Nova (Ed. Abril). Eu tinha uma tia, irmã do meu pai, que assinava essa revista e, toda vez que eu ia lá, eu ficava lendo. Só que na idade que eu tinha, lembro que minha mãe falava para mim: Essa revista não é para você, não! Essa revista não é para a sua idade!

O entrevistado parece explicitar a sua diferenciação numa categoria já bem resolvida para ele. No caso de Xande, ao se posicionar como homossexual e, ao mesmo, relatar a visão dos outros sobre sua orientação, seu discurso manifesta a questão do preconceito como um dos elementos importantes que perpassam sua vida.



- Bom, a gente não sofre tanto (no Japão), mas quando você vê que a pessoa tem preconceito e, você percebe que você é diferente... Eu não tenho essa coisa de se esconder, não. Já falo: O que foi? Te incomoda? Eu não me irrita, ao contrário, eu devolvo a pergunta.

Conversávamos sobre os assuntos nos intervalos comerciais entre um bloco e outro da telenovela *Amor à vida* à qual ele assistia no Japão. O entrevistado contou que sua vida também daria um bom enredo de telenovela. No decorrer da conversa foi contando sobre as várias brigas que presenciou entre os pais e do episódio em que ficou sabendo da traição da mãe. Ele relata os acontecimentos em pequenos trechos que vão se agrupando e demonstrando indícios de que a vivência familiar influenciou muito nas suas escolhas de vida. Por fim, Xande relata o encontro com o pai da sua meia-irmã. Nesse encontro, o pai da sua meia-irmã percebe Xande como sendo diferente dos demais irmãos: mais maduro para sua idade, mais vivido e, talvez por isso mais aberto a coisas novas. Enquanto ele relembra essa conversa, vai concluindo fatos a partir do discurso do outro: *“se ele me comparou com meus irmãos, é porque já os conhecia antes de mim”*.

- A minha mãe fez questão de me apresentar o pai da minha meia-irmã. A gente foi ao cinema com o filho dele. Ele já tinha outro filho. Sempre íamos um irmão de cada vez. Ele (pai da sua meia-irmã) contou a história do nascimento do filho, que foi um parto de risco e a esposa tinha morrido. Eu lembro que ele me falou: Você é diferente dos seus irmãos. Então eu acho que fui o último a conhecê-lo. Ele falou: Você tem quase a mesma idade do meu filho, mas você tem interesses diferentes, sua mentalidade é diferente. Você está amadurecendo antes do tempo. Em vez de brincar com carrinho, você prefere falar com os adultos, você é mais aberto, tem uma mente mais aberta, é mais extrovertido que os outros.

Xande utilizava a telenovela nas nossas conversas sobre sua vida, os temas apresentados na telenovela suscitam nele reflexões acerca do seu próprio mundo; como se os personagens ficcionais e a própria telenovela fizessem parte da sua história particular. Então, o entrevistado utiliza a narração para dar sentido ao mundo. A família, para Xande, não é algo que traga boas recordações, pois traz lembranças dolorosas vividas no passado. E, a ativação da memória do entrevistado mediado pela telenovela explicita não somente sua experiência de vida, mas também os entrecruzamentos que esses temas

trazem de significado em sua vida. É no ato de (re)contar sua trajetória que Xande relembra e reconstrói seu passado, interpretando e textualizando sua vida.

O ato da elaboração da autobiografia, longe de ser a “vida” como está armazenada nas trevas da memória, constrói o relato de uma vida. A autobiografia, em poucas palavras, transforma a vida em texto, por mais implícito ou explícito que seja. É só pela textualização que podemos “conhecer” a vida de alguém. O processo da textualização é complexo, uma interminável interpretação e reinterpretação. (BRUNER; WEISSER, 1995, p. 149).

6. Considerações finais

A discussão e a análise propostas neste trabalho buscou relacionar a elaboração dos relatos orais, ou as histórias de vida, de nossos entrevistados a complexos processos de enunciação e de discursivização por meio dos quais é possível observar os mecanismos de produção de sentido de identidade social e de construção de memória. Dessa forma, os entrevistados foram eles próprios personagens, autores e narradores de suas histórias. Autores porque o ponto de partida foram as conversas espontâneas que surgiram durante a convivência diária no ato de assistir à telenovela brasileira e, narradores porque os entrevistados são sujeitos e contadores da sua própria história focando o ponto de vista segundo sua visão de mundo. Personagens porque ao se distanciarem da história, colocam suas ações em perspectiva, vistas de fora, como se fossem um texto (BRUNER; WEISSER, 1995).

D. Telma nos conta a aventura de estar no Japão a partir das lembranças que possui do seu pai. Instituído a família como o começo da narrativa, ressaltando a família e o convívio com eles para chegar até o ponto em que narra sua situação de imigrante brasileira no Japão. Enquanto para Xande o ponto de partida é sua própria história de descoberta e aceitação. Ele também utiliza a família como parte importante da sua vivência como se fosse relacionando partes da sua vida com os dramas e descobertas da sua individualidade. Mas, enquanto D. Telma foca os acontecimentos no exterior dela, ou seja, no que acontecia com seu pai e seu casamento, Xande foca na parte interior, na sua aceitação e no seu lugar no mundo.



Esses relatos são valiosos, para se observar a partir de quais situações essas lembranças eram recuperadas, e também, indicavam alguns percursos de pensamento dos entrevistados. De certa forma, tudo isso foi um relato biográfico da vida dos entrevistados, que, nessas condições, também estavam relatando uma história de vida *a posteriori*, ou seja, a sua própria história contada por eles mesmos depois dela já ter acontecido. Isso nos leva a duas reflexões: 1) Existe um distanciamento tal que isenta, de certa forma, a força real dos acontecimentos descritos e, isso proporciona um olhar deles próprios como narradores de suas histórias, portanto, seus relatos estão imbuídos de certo sentimento de juízo de valor que só é possível de acontecer porque o fato em si já está no passado; 2) Na condição de serem, como se pode dizer, uma terceira pessoa narrando sobre fatos e comportamentos que eles próprios vivenciaram na primeira pessoa, muitas das descobertas, sensações ou percepções, podem ser acometidas no aqui/agora da narração, e também isso pode ser surpreendente para quem conta a sua própria história.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN-VOLOCHÍNOV, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1 -2, 1993. p. 277 – 284.
- BRUNER, Jerome; WEISSER, Susan. A invenção do ser: a autobiografia e suas formas. In: OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy. **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1995.
- CIATE. Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior. **A comunidade brasileira no exterior**. Disponível em: www.ciate.org.br/informacao-geral-sobre-japao/a-comunidade-brasileira-no-japao/. Acesso em: 30 jun. 2014.
- GONZÁLES, Jorge A. La telenovela en familia, una mirada en busca de horizonte. **Estudios sobre las culturas contemporáneas**, marzo, año/vol. IV, n. 011. Universidad de Colima, Colima, México, 1991. p. 217 – 228.



KAWAMURA, Lili. **Para onde vão os brasileiros? – imigrantes brasileiros no Japão.** São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2009.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL. **Estimativas populacionais das comunidades brasileiras no mundo 2013.** Disponível em: www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades. Acesso em 03 fev. 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993. p. 7 – 28.

SAKURAI, Célia. **Os Japoneses.** São Paulo: Contexto, 2008.

SUZUKI, Helen E. N. **A telenovela e a produção de sentidos de identidade brasileira no discurso de imigrantes brasileiros no Japão.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) ECA/USP. São Paulo, 2014.